

O Tratamento das Marcas Diatópicas em Dicionários Escolares do Ensino Médio: denominações para a fruta 'tangerina'

*The Treatment of Diatopic Brands in High School
Dictionaries: names for the 'tangerine fruit'*

Laiza Rodrigues Oliveira

Ana Claudia Castiglioni

Resumo: Este trabalho discute a questão das marcas diatópicas em quatro dicionários escolares de Língua Portuguesa destinados a alunos do Ensino Médio, selecionados pelo PNLD Dicionários 2012, tomando como referência a Carta L05 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que registra denominações para a fruta comumente nomeada como 'tangerina' nas capitais do Brasil (CARDOSO et al, 2014). O artigo aborda uma temática relacionada à área da Linguística, subáreas Lexicologia, Lexicografia e Geolinguística. O aporte teórico abordado neste estudo foi voltado para a questão da variação linguística adotada pelos documentos oficiais da educação e para as concepções gerais dos dicionários escolares. A análise das unidades lexicais possibilitou notar que há lacunas na apresentação de informações sobre a variação diatópica nos dicionários, no que diz respeito ao registro das variantes lexicais que nomeiam a fruta 'tangerina'.

Palavras-chave: Variação lexical; Dicionário; Documentos oficiais; Atlas Linguístico do Brasil.

Abstract: *This work discusses the issue of diatopic marks in four Portuguese language dictionaries to High school students selected by PNLD Dictionaries 2012, this dictionaries have taken as reference the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), the letter like L05 register many variation of the names 'tangerine fruit' in different capital cities of Brazil (CARDOSO et al, 2014). The article deals a theme referred to the area of Linguistics, sub-areas Lexicology, Lexicography and Geolinguistics. The theoretical approach addressed in this work was direct to the linguistic variation adopted by official education documents and the general meanings of the school dictionaries. The analysis of the lexical units made it possible to notice that there are gaps in the presentation of information about diatopic variation in the dictionaries school about the registration of the lexical variants that name the 'tangerine fruit'.*

Keywords: *Variation lexical; Dictionary; Official documents; Linguistic Atlas of Brazil.*

Introdução

Ao iniciar o seu processo de educação formal, todo aluno, tendo o português como sua língua materna, já domina de forma completa sua estrutura. A criança traz de suas vivências algumas maneiras próprias de se expressar, pois existe uma realidade linguística variada e negar esse fato contribui para a propagação de uma visão distorcida da língua falada no Brasil, além de contribuir para a perpetuação do preconceito linguístico.

Nesse contexto, este trabalho parte da tese de que as variações são inerentes ao sistema linguístico e tem como objetivo discutir a importância do uso dos dicionários escolares no auxílio do ensino e aprendizagem de língua materna e, mais especificamente, do ensino de variações diatópicas. Para tanto, a metodologia adotada neste trabalho é de caráter bibliográfico, uma vez que foram analisadas onze unidades lexicais retiradas do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014) considerando sua apresentação obras lexicográficas: Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011); Dicionário Unesp do Português contemporâneo (2011); Dicionário Houaiss conciso (2011); Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa (2011).

A unidade lexical *tangerina*, assim como as outras denominações atribuídas à fruta, foram extraídas da Carta Lexical L05 (tangerina) do volume 2

do ALiB (CARDOSO et al, 2014, p. 159)¹, obra que mostra, por meio de mapas, a distribuição de cada denominação nas capitais do Brasil, facilitando, assim, a análise com maior precisão do tratamento das variações geográficas nos verbetes nos dicionários escolares. As questões tratadas aqui estão voltadas para o uso dos dicionários escolares como material didático e pretende-se fazer uma apresentação introdutória de posicionamentos teóricos a fim de subsidiar a compreensão da análise e dos resultados.

No primeiro tópico, tratou-se da questão da variação linguística no contexto educacional e sobre os dicionários escolares em uma perspectiva geral, abordando a questão da tipologia. Posteriormente, explana-se a temática dos dicionários escolares distribuídos pelo MEC e avaliados pelo PNLD – Plano Nacional de Livros Didáticos - Dicionários de 2012, como também suas características, relação com os documentos oficiais (BNCC/2017 e PCN/1998)² e o tratamento dado à variação linguística focando as marcas diatópicas.

É objetivo do trabalho examinar se de fato as obras lexicográficas analisadas estão proporcionando o desenvolvimento das metas traçadas pela BNCC e pelos PCN, uma vez que os documentos oficiais visam a desenvolver nos estudantes a compreensão de que eles devem fazer o uso da gramática, mas que não devem se limitar apenas a isso, sendo necessário que os alunos recorram de maneira adequada às diferentes formas e níveis de linguagem em diferentes contextos de uso.

A questão da variação linguística no contexto educacional e os dicionários escolares

É por meio da linguagem que o ser humano cria e recria sua relação com o mundo e a sociedade. Nesse sentido, língua e sociedade são indissociáveis, pois a língua sofre mudanças ao longo do tempo e deve ser analisada, considerando a comunidade que a utiliza. Sabe-se que a língua é viva e que ao longo da história se modifica, revelando uma ampla heterogeneidade linguística.

¹ Em situações pontuais também foram consultadas as cartas regionais (LO5a, LO5b, LO5c, LO5d e LO5e) (CARDOSO et al, 2014).

² BNCC: Base Nacional Comum Curricular e PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais.

Por vezes, essas diferenças apresentadas por uma mesma língua podem acarretar preconceitos, já que há formas mais prestigiadas de uso da língua em detrimento de outras menos valorizadas. Nesse contexto, o estudo da variação linguística no âmbito escolar pode colaborar para a redução dessa óptica discriminatória sobre a língua, posto que há estudantes que fazem parte das camadas socioeconomicamente menos favorecidas, cuja linguagem é, muitas vezes, desvalorizada, assim como é a cultura de quem a fala. Nessa perspectiva, tratar sobre a língua em sala de aula a partir das teorias cujo objeto de estudo é a variação linguística, como a Geolinguística e a Sociolinguística, implica ensinar aos estudantes a compreensão de que as variações lexicais não são “erros”, mas “diferenças” comuns a toda língua falada e que é possível adequá-la a diversas situações de uso.

A língua deve ser entendida como prática social e, atualmente, os novos moldes de ensino tendem a ser voltados para o ensino global, assegurado, sobretudo, por meio da leitura e da escrita, tendo o texto como o centro do processo de ensino. Nessa perspectiva, é função da escola formar leitores capacitados não apenas para ler um texto escrito, mas também para serem capazes de ler o mundo que os cerca, de interpretar os múltiplos universos semântico-culturais aos quais são expostos, de entender a pluralidade dos espaços geográficos e a diversidade cultural em que transitam.

No Brasil, nota-se um movimento favorável que caminha em direção à aceitação da existência da heterogeneidade da língua. Amparados, não apenas por teóricos da área, mas também pelos postulados dos PCN e da BNCC, o que leva vários profissionais da educação a adaptarem suas práticas educativas a uma nova realidade. Vale, ainda, ressaltar que os PCN e a BNCC já agregam a perspectiva sociogeolinguística da língua, isto é, um ensino pautado na existência da variação linguística, se desvinculando da visão de homogeneidade linguística.

Com base no exposto, entende-se que o dicionário escolar é um instrumento de suma importância para o estudo da variação linguística em sala de aula. Ele é um material bastante conhecido, que se tornou objeto obrigatório na civilização desenvolvida, sendo possível encontrá-lo facilmente nas instituições de ensino. Por meio dele, pode-se aprender não apenas a definição

das palavras, a divisão silábica, a classe gramatical, a regência, a pronúncia, a variação lexical, entre outras informações que se diversificam conforme o autor e a edição da obra. Os verbetes são comumente estruturados a partir de uma palavra-entrada na forma lematizada no masculino, singular e infinitivo que são dispostas verticalmente no material e em ordem alfabética.

Adquirir o domínio da língua materna é de suma importância para a formação educacional, profissional e social de um indivíduo, pois não basta que ele saiba ler e escrever, é preciso que tenha competência para responder adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. E o uso do dicionário contribui para o desenvolvimento dessa competência comunicativa nos alunos. Krieger (2003, p. 70-71) assim destaca o caráter pedagógico das obras lexicográficas:

Entre tantas possibilidades, os denominados “dicionários de língua”, a mais prototípica das obras lexicográficas, ajudam a ler, a escrever, e a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos. Junto a isso, permitem-lhe saber da existência de algumas palavras, de como é escrita ou pronunciada e, por vezes, ainda o auxiliam a conhecer a origem dos vocábulos. Por tudo que contém, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua. Ao ser consultado, cumpre com sua missão didática, que está associada ao papel de código normativo, padrão referencial dos usos e sentidos das unidades lexicais de um idioma, que todo dicionário de língua desempenha.

Sabe-se, também, que o dicionário traz registros que permitem recuperar a história da língua, pois é constituído a partir das significações que vão sendo atribuídas ao léxico e que, com o passar do tempo, são atualizadas conforme a frequência de uso. A obra lexicográfica registra e descreve o léxico de uma língua, bem como a cultura de uma comunidade, como mostra Biderman (1984, p. 28):

O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura. O lexicógrafo descreve ambas — língua e cultura — como um todo pancrônico, embora se situe numa perspectiva sincrônica. Um dicionário é constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um elemento da cultura. A entrada tem como seu eixo básico a definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é que uma perífrase metalinguística da palavra posta como entrada.

O dicionário é, pois, um produto linguístico, histórico-social e pedagógico. A autora reconhece que esse tipo de obra é um objeto cultural que

em sua nomenclatura, seus verbetes, nos textos das definições fazem referências a fatores culturais e valores ideológicos de uma sociedade, apresentando aspectos semântico-culturais por meio das unidades lexicais que o constituem. O dicionário tem também como função fornecer aos seus consulentes maior quantidade de palavras e suas variações em diferentes contextos.

Na atualidade, existe uma grande variedade de tipos de dicionários, cada um voltado para a um público determinado. Eles podem ser categorizados por faixa etária ou grau de conhecimento sobre a língua. Nesse sentido, os lexicógrafos produzem as obras considerando as necessidades linguísticas dos usuários a que se destinam. As tipologias dos dicionários contemplam dicionários gerais, dicionários escolares, dicionários de aprendizagem (destinado a quem está no processo de aprendizagem da língua), dicionários dialetais (não se destina a um grupo específico) e dicionários especializados (destinado a um grupo especializado em uma área do conhecimento) (HERNÁNDEZ, 2000).

O foco deste estudo são dicionários destinados a consulentes que estão em processo de aprendizagem da língua, ou seja, o estudo centra-se nos dicionários escolares. Esse material age no tratamento da aprendizagem de uma língua materna, sendo utilizados do primeiro ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. No caso deste trabalho, são analisados os dicionários voltados para o Ensino Médio (tipo 4) que foram aprovados no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/Dicionários 2012.

O Ministério da Educação (MEC) enviou quatro tipos de dicionários para as escolas públicas do Brasil, para servir de apoio à prática educativa. Os dicionários selecionados pelo PNLD/Dicionários 2012 foram produzidos para atender a cada fase escolar, por isso abarcam questões lexicais, morfossintáticas e ortográficas com o objetivo de auxiliar a compor o repertório lexical e linguístico dos alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Uma característica do dicionário escolar é a tentativa de relacionar ensino e norma linguística, em especial a lexical, isto é, apresenta um caráter normativo (escrita correta das palavras) e descritivo (variação linguística). Os PCN incentivam o uso dos dicionários como suporte pedagógico no processo

de ensino e aprendizagem de língua materna e trazem o discurso da variedade linguística, como mostra o seguinte fragmento:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana (BRASIL, 1998a, p. 82).

Ou seja, pode-se compreender que o aluno deve ter conhecimento da norma padrão da língua, no entanto, isso não deve limitá-lo, uma vez que a Língua Portuguesa tem vasta variação linguística e existem diferentes “modos de dizer” uma mesma coisa. Com isso o aluno precisa ser orientado a “[...] refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” (BRASIL, 1998b, p. 59). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) do Ensino Médio, documento que atualmente norteia essa fase do ensino, trata também da heterogeneidade da Língua Portuguesa como uma competência a ser adquirida em suas metas:

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2017, p. 500).

Nota-se pelo excerto que uma das modalidades de variação é a diatópica, isto é, a marca geográfica. Nos dicionários, esse tipo de variação é apresentado geralmente como brasileirismo/regionalismo, unidades léxicas que representam a norma lexical de um país, região e/ou estado. A política educacional disseminada pelos documentos oficiais almeja que o uso dos dicionários no ensino desenvolva nos alunos a competência para recorrer de maneira adequada às diferentes formas e níveis de linguagem e comunicar-se com eficiência em diferentes contextos sociais.

Assim, as teorias que estudam o fenômeno da variação linguística tratam do desenvolvimento da linguagem humana e, nesse aspecto, é possível a concepção de uma proposta didática e metodológica pautada também nos

documentos oficiais, capaz de ampliar, na sala de aula, o conhecimento e o uso das variedades linguísticas também nos dicionários escolares, ou seja, uma proposta que dê devida importância aos contextos sociais e interacionais, próprios de ambientes formais e informais, em que o aluno estiver inserido.

Com base no exposto, é importante salientar que um método de ensino de língua materna que rejeite questões sociais próprias da prática linguística na sociedade resulta em atividades didáticas sem retorno significativo e, conseqüentemente, corrobora a perpetuação de preconceitos diversos.

Variação diatópica em dicionários escolares do Ensino Médio: denominações para a fruta 'tangerina'

Tendo este texto o foco na área do ensino do léxico na Educação Básica, entende-se a importância do uso dos dicionários escolares no auxílio do ensino de língua portuguesa e da variação linguística, particularmente da norma lexical regional. Assim, analisou-se em que proporção as unidades lexicais que nomeiam a fruta 'tangerina' mapeadas pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO *et al*, 2014), cartas com dados documentados nas capitais brasileiras, são registradas em quatro dicionários escolares de Língua Portuguesa destinados a alunos do Ensino Médio selecionados pelo PNLD Dicionários 2012. As cartas lexicais selecionadas registram a distribuição diatópica das denominações registradas para um mesmo referente no universo das capitais brasileiras: *mexerica*, *clementina*, *bergamota*, *mandarina*, *poncã*, *laranja-cravo*, *mimosa*, *maricote*, *tanja* e *carioquinha*. O objetivo foi verificar em que proporção a variação lexical de natureza diatópica está sendo representada nos seguintes dicionários escolares: Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011); Dicionário Unesp do Português contemporâneo (2011); Dicionário Houaiss conciso (2011); Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa (2011). Esses dicionários escolares do Tipo 4, aprovados no PNLD Dicionários 2012 e distribuídos gratuitamente para as escolas, têm como público-alvo alunos do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio.

O motivo pelo qual toma-se como referência as unidades lexicais registradas no vol. 2 do ALiB (CARDOSO *et al*, 2014) é o fato de essa obra

registrar dados concretos da norma lexical veiculada nas capitais do Brasil, documentados segundo a metodologia da Dialetologia/Geolinguística que busca apurar a variação diatópica, no caso, as denominações para a fruta comumente denominada como 'tangerina', o que pode subsidiar a análise da questão da variação lexical regional nos verbetes dos dicionários escolares selecionados para este estudo.

São apresentados a seguir, em forma de quadros, as definições das unidades léxicas selecionadas, segundo cada dicionário escolar, ressaltando-se que o interesse deste estudo é verificar de que forma a variação lexical diatópica está contemplada nos dicionários e não necessariamente sua significação. Desse modo, não é apresentado o verbete completo, mas apenas os microparadigmas referentes às informações que compõem a discussão, ou seja, a rubrica ou marca de uso referente à palavra selecionada.

Quadro 1 - Novíssimo Aulete: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011)

Bergamota	Sf. ¹ <i>Agr.</i> Variedade de pera com muito sumo e aromática. ² <i>RS, SC Bot.</i> O mesmo que tangerina.
Carioquinha	Não há menção ao verbete no dicionário.
Clementina	Sf. <i>Lus. Bot.</i> Fruta híbrida de tangerina de casca fina e um tipo de laranja.
Laranja-cravo	Sf. ¹ <i>Bras.</i> O mesmo que tangerina. ² <i>Bot.</i> O mesmo que tangerineira.
Mandarina	Sf. <i>RS Bot.</i> O mesmo que tangerina.
Maricote	Não há menção ao verbete no dicionário.
Mexerica	Sf. ¹ <i>Bot.</i> O mesmo que tangerina. ² O mesmo que tangerineira.
Mimosa	Sf. ³ O fruto da tangerina.
Poncã	<i>Sm. Bras. Agr.</i> Variedade de tangerina graúda e de casca frouxa, originária do Japão.
Tangerina	Sf. ¹ <i>Bot.</i> O fruto da tangerineira; fruta cítrica, pouco ácida, cuja casca se solta facilmente dos gomos; Mandarina; Mexerica; Mimosa; Bergamota. ² <i>Bot.</i> O mesmo que tangerineira.
Tanja	Não há menção ao verbete no dicionário.

Fonte: Autoria própria.

Pode-se observar que a fruta que comumente é denominada de 'tangerina' possui diversas denominações. A primeira obra lexicográfica analisada foi o *Novíssimo Aulete: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* e, como é possível notar no primeiro quadro, em relação aos outros dicionários, ele registra um número maior de denominações para a fruta 'tangerina'. Um dos motivos para isso talvez seja o fato de essa obra abrigar um montante significativo de verbetes e locuções, respectivamente, 75.756 e 18.645. O dicionário, ao definir a unidade lexical *tangerina*, remete o consulente a outros verbetes, como *mandarina*, *mexerica*, *mimosa* e *bergamota*. Essas remissivas servem para se ter uma definição complementar do verbe principal e representam quatro das unidades lexicais mapeadas pelo ALiB nas Cartas *tangerina* (CARDOSO, 2014, p. 159-169), embora no dicionário tenham sido marcadas apenas como regionalismo em três verbetes, especificando o lugar (região): *bergamota* (RS), *clementina* (Lus.) e *mandarina* (RS).

A unidade léxica *mandarina*, que não consta no vol. 2 do ALiB, é apontada pelo *Novíssimo Aulete* como um regionalismo do Rio Grande do Sul (RS), assim como *bergamota*, que é uma denominação típica do Rio Grande do Sul (RS) e de Santa Catarina (SC), dado confirmado pelo ALiB, na Carta L05d (p. 167). As unidades lexicais *mexerica* e *mimosa* não receberam marca diatópica na obra em questão, mas o Atlas Linguístico do Brasil atesta que *mimosa* representa a norma lexical de Curitiba, enquanto *mexerica* se dissemina por todas as regiões brasileiras com graus distintos de produtividade. Não foi documentada em apenas quatro capitais: Rio de Janeiro, Porto Alegre, Macapá e Boa Vista, como mostra a Figura 1 a seguir:

laranja-cravo e *poncã*, também documentadas pelo ALiB, são marcadas pelo *Dicionário Aulete* como brasileirismos. A denominação *poncã*, segundo os registros do ALiB, é utilizada nas capitais de quatorze estados brasileiros, mas com pouca ocorrência de uso, em média menos de 40%, com exceção de Maceió, capital do estado de Alagoas (AL), onde os registros superam 50% de uso (Figura 1). Logo, seria justificável que, nos dicionários, *poncã* aparecesse como regionalismo de AL. Já a unidade lexical *clementina* não está registrada no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil. Trata-se de um lusitanismo, isto é, modo de falar ou escrever típico dos portugueses.

Quadro 2: Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011)

Bergamota	<i>Sf. Bras. S. Bot.</i> Espécie de pera e sua árvore. Tangerina.
Carioquinha	Não há menção ao verbete no dicionário.
Clementina	Não há menção ao verbete no dicionário.
Laranja-cravo	Não há menção ao verbete no dicionário.
Mandarina	Não há menção ao verbete no dicionário.
Maricote	Não há menção ao verbete no dicionário.
Mexerica	<i>Sf. Bras. Bot.</i> Tangerina, mimosa, bergamota.
Mimosa	<i>Sf. Bot.</i> Planta do gênero mimosa das regiões tropicais, com flores de aroma agradável e cultivada com fins ornamentais. ² Fruto da tangerineira; tangerina.
Poncã	<i>Sf. Bras.</i> Variedade de tangerina graúda.
Tangerina	<i>Sf. Bot.</i> Fruta cítrica cuja casca se solta facilmente; Bergamota (SC, RS), mexerica, mimosa.
Tanja	Não há menção ao verbete no dicionário.

Fonte: Autoria própria

Analisa-se, agora, o *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, que reúne 51.210 entradas (Quadro 2). Assim como no dicionário anterior, o verbete *tangerina* faz remissiva a *bergamota*, *mexerica* e *mimosa*. A obra já adianta na definição da unidade léxica *tangerina* que *bergamota* é usada nos estados de RS e SC. Nesse aspecto, os dicionários Aulete e Bechara concordam com a marca diatópica atribuída a *bergamota*. No entanto, ao se

reportar à entrada *bergamota*, nota-se o registro da marca diatópica brasileirismo da região sul. Mas, ao se observar a Carta L05d sobre a região sul (CARDOSO et al, 2014, p. 167), constata-se que na capital do estado do Paraná a unidade lexical *bergamota* tem baixo índice de registro, pois em Curitiba predomina o uso de *mimosa*, típica da capital paranaense, a única capital brasileira que, de acordo com o ALiB, foi documentada essa forma lexical. Os maiores índices de *bergamota* são registrados em Florianópolis e em Porto Alegre, em especial.

Portanto, tanto o *Dicionário Aulete*, quanto o *Dicionário Bechara* poderiam ter registrado essa marca diatópica no verbete *mimosa*. *Mexerica*, no *Dicionário Bechara*, é classificada como brasileirismo, o que pode ser considerada uma marca pertinente, conforme foi averiguado na Carta L05 do ALiB (CARDOSO et al, 2014, p. 159).

Dos quatro dicionários escolares analisados, esse é o único em que *mexerica* recebe a marca diatópica de brasileirismo. Também a forma *poncã* é descrita como um brasileirismo, porém, como o discutido nos parágrafos anteriores, poderia ser descrita como um regionalismo do Alagoas. Já a denominação *carioquinha*, *clementina*, *laranja-cravo*, *mandarina*, *maricote* e *tanja* não constam como entrada nesse dicionário. Ou seja, mais da metade das denominações regionais da fruta comumente chamada de 'tangerina' não consta na obra lexicográfica em análise.

Quadro 3: Dicionário Houaiss Conciso (2011)

Bergamota	Sf. ¹ Pequena árvores de flores aromáticas e fruto em forma de pera, com casca fina, lisa e amarela; bergamoteira. ² O fruto dessa árvore. ³ Bras. S. tangerina.
Carioquinha	Não há menção ao verbete no dicionário.
Clementina	Não há menção ao verbete no dicionário.
Laranja-cravo	Sf. Tangerina.
Mandarina	Não há menção ao verbete no dicionário.
Maricote	Não há menção ao verbete no dicionário.
Mexerica	Sf. Tangerina.

Mimosa	Não há menção ao verbete no dicionário.
Poncã	Sf. Tipo de tangerina, grande e de casca frouxa, originária do Japão.
Tangerina	Sf. Fruto da tangerineira, redondo, amarelo e com suco refrescante; bergamota, mexerica, laranja-cravo.
Tanja	Não há menção ao verbete no dicionário.

Fonte: Autoria própria

O *Dicionário Houaiss Conciso* (Quadro 3), assim como o *Dicionário Bechara*, não registra as unidades lexicais *carioquinha*, *clementina*, *mandarina*, *maricote*, *mimosa* e *tanja*, variantes lexicais documentadas no vol. 2 do ALiB (CARDOSO et al, 2014). Dentre as quatro obras lexicográficas analisados neste artigo, o *Dicionário Houaiss Conciso* é o que reúne menor quantidade de verbetes em relação aos demais – 41.243 entradas.

Um particular chama atenção nesse dicionário escolar: dentre as cinco denominações da fruta que constam no dicionário, apenas uma traz marca diatópica. A forma *bergamota* é marcada como um brasileirismo geral, mas os dados do ALiB atestam que essa variante tem registro em dois estados específicos, RS e SC, o que justificaria a marca de regionalismo desses estados da Federação.

As discussões já realizadas sobre os verbetes *tangerina*, *mexerica* e *poncã* e as respectivas considerações já tecidas sobre eles, até então, se estendem ao *Dicionário Houaiss Conciso*, uma obra que pouco descreve as variações diatópicas. A unidade léxica *laranja-cravo*, por sua vez, é descrita no *Dicionário Aulete* como brasileirismo, enquanto no *Dicionário Houaiss Conciso* e no *Dicionário Unesp* não recebem informações de natureza dialetal. Porém, ao se verificar o que revela o Atlas Linguístico do Brasil, nota-se que essa unidade não se configura apenas como um brasileirismo geral, sendo, na realidade, um regionalismo das capitais do Rio Grande do Norte (RN), da Paraíba (PB) e do Pernambuco (PE), como pode ser verificado na Carta L05b do ALiB (CARDOSO et al, 2014, p. 163).

É possível perceber que em João Pessoa (PB) e em Recife (PE) a frequência de uso dessa variante é superior a 50%, enquanto em Natal (RN) *laranja-cravo* divide espaço com *tangerina* e *mexerica*. Essa frequência de uso

justificaria o registro dessa unidade léxica nos dicionários com marca diatópica regional, uma vez que as três capitais mencionadas são as únicas em que a forma lexical *laranja-cravo* foi registrada. Seria essa opção um modo também de valorizar o falar local.

Quadro 4: Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2011)

Bergamota	Sf. ¹ Tangerina. ² Óleo volátil, muito usado em perfumaria, extraído da casca da tangerina.
Carioquinha	Não há menção ao verbete no dicionário.
Clementina	Não há menção ao verbete no dicionário.
Laranja-cravo	Sf. Tangerina.
Mandarina	Sf. (Reg. RS) Tangerina.
Maricote	Não há menção ao verbete no dicionário.
Mexerica	Sf. Tangerina
Mimosa	Sf. Arbusto ornamental, espécie de acácia de folhas pequenas e verde-claras e flores amarelas dispostas em cachos.
Poncã	Sf. Variedade de tangerina, grande e de casca solta e enrugada, originária do Japão.
Tangerina	Sf. Fruto semelhante à laranja, de sabor mais ácido e de cor mais escura, com casca grossa e rugosa que se desprende facilmente dos gomos.
Tanja	Não há menção ao verbete no dicionário.

Fonte: Autoria própria

Por fim, a última obra lexicográfica a ser aqui analisada é o *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo* (Quadro 4) que também deixa de registrar quatro denominações para a fruta 'tangerina', três delas documentadas pelo ALiB: *carioquinha*, *clementina*, *maricote* e *tanja*. Nesse dicionário, diferente dos demais, no verbete da unidade lexical *tangerina* não há menção a verbetes remissivos. Na verdade, a obra não registra outras formas lexicais que nomeiam a fruta 'tangerina'.

A única marca diatópica atribuída a uma denominação para a fruta 'tangerina' registrada pelo dicionário ocorre no verbete *mandarina*, classificada como um regionalismo do RS, o que corrobora a marca indicada no *Dicionário*

Aulete. Outro fato curioso do *Dicionário UNESP* é o fato de no verbete *mimosa* a obra não registrar a acepção de fruta e, conseqüentemente, não registrar para essa variante léxica a marca de uso de caráter diatópico de regionalismo de Curitiba/Paraná.

Para finalizar a discussão, notou-se que algumas variantes lexicais registradas no Atlas Linguístico do Brasil – L05c (CARDOSO *et al*, 2014, p. 165) não figuram nos quatros dicionários escolares analisados: *carioquinha*, *maricote* e *tanja*.

O uso da denominação *carioquinha*, por exemplo, se restringe à capital paulista, com cerca de 10% de frequência de registros. *Maricote*, segundo a Figura 1 (Carta L05/ALiB), anteriormente apresentada, tem presença na região Centro-Oeste (Campo Grande, Cuiabá e Goiânia) e Sudeste (São Paulo). Já a unidade lexical *tanja*, conforme a Carta L05b (CARDOSO *et al*, 2014, p. 163), foi registrado apenas em São Luís (MA) e em Teresina (PI), o que justificaria a sua inserção nos dicionários, já que quase 50% das pessoas entrevistadas nessas capitais mencionaram essa variante como denominação da fruta em questão. A forma lexical *mimosa* tem, praticamente, a mesma porcentagem de uso e consta em alguns dicionários. Por fim, as unidades léxicas documentadas pelo ALiB que figuram nos dicionários receberam pouca ou nenhuma indicação de variação diatópica.

As formas lexicais extraídas das cartas do ALiB relativas às denominações da fruta 'tangerina' (CARDOSO *et al*, 2014, p. 159-169) configuram-se como formas lexicais que nomeiam um mesmo referente, cada uma com a sua área de uso, e são, portanto, unidades lexicais distintas em uso em determinadas capitais brasileiras e assim devem ser tratadas pelos dicionários, no que diz respeito às marcas diatópicas.

O quadro a seguir traz uma síntese das constatações obtidas por meio da análise das obras lexicográficas selecionadas e sua relação com os dados do Atlas Linguístico do Brasil, relativos a denominações para a fruta 'tangerina' nas capitais brasileiras.

Quadro 5: Síntese da análise das denominações da fruta 'tangerina' em dicionários escolares

Dicionários Variantes (ALiB)	Aulete	Bechara	Houais s	Unesp
Bergamota	Regionalismo do RS e SC.	Brasileirismo da região sul. Constatou-se inadequado, pois, segundo o ALiB, no PR há um índice mínima de uso dessa variante, sendo de uso expressivo apenas nas capitais de SC e RS, com expressiva produtividade.		Não registra variação diatópica na definição, mas poderia ser um regionalismo do RS e SC.
Carioquinha	Não há entrada para esse verbete em nenhum dos dicionários analisados.			
Clementina	Lusitanismo	Não há entrada para esse verbete nesses dicionários.		
Laranja-Cravo	Brasileirismo, mas segundo os dados do ALiB poderia figurar com marca de regionalismo da PB, PE e RN.	Não há entrada no dicionário.	Não apresenta variação diatópica para esse verbete nos dicionários, mas poderia ser um regionalismo da PB, PE e RN.	
Mandarina	Regionalismo do RS.	Não há entrada nos dicionários.		Regionalismo do RS.
Maricote	Não há entrada para esse verbete em nenhum dos dicionários analisados.			
Mexerica	Não há registro de marca diatópica para essa forma lexical nos dicionários (com exceção do Bechara que apresenta um brasileiro). Os dicionários deveriam, segundo o ALiB, constar como brasileiro.			
Mimosa	Não há registro de marca diatópica nos dicionários (com exceção do Houaiss que não registra esse verbete). Poderia constar como um regionalismo do PR.			
Poncã	Brasileirismo, mas, segundo os dados do ALiB, poderia receber a marca de		Não há marca diatópica nesses dicionários. Poderia	

	regionalismo de AL.	ser marcado como um regionalismo de AL, a partir dos dados documentados pelo ALiB.
Tanja	Não há entrada nos dicionários para esse verbete, mas poderia figurar como um regionalismo de São Luís (MA) e Teresina (PI).	

Fonte: Autoria própria.

Considerações finais

Este estudo demonstrou que a língua é heterogênea e por isso se diferencia de acordo com o contexto sociocultural e geográfico dos falantes. E, no âmbito escolar, o estudo da variação lexical contribui de maneira significativa para que não se perpetue uma visão discriminatória das diferentes formas de falar, acentuando que não há formas “erradas”, mas sim “diferentes”, pois há variados discursos que circulam na sociedade e é importante que os alunos tomem conhecimento das especificidades de cada uso.

Nessa perspectiva, não basta ter só o domínio da gramática normativa, mas é preciso também saber o valor social da língua. Então, ao se deparar com as “diferenças” linguísticas, pode-se entender que ocorre nesse contexto também o fenômeno da variação lexical da língua. Um dos tipos de variação é a diatópica, que se refere às diferentes formas de falar de indivíduos de espaços geográficos distintos e é, no âmbito dessa variação, especificamente no nível lexical, que se situa este trabalho.

O MEC enviou dicionários adequados conforme a necessidade educacional dos alunos na fase escolar para as instituições de ensino público para serem usados como apoio pedagógico. De acordo com os PCN, uma característica do dicionário escolar é a tentativa de relacionar um caráter normativo e descritivo. Nesse sentido, o aluno deve ter conhecimento da norma padrão da língua, como também da vasta variação linguística, dos diferentes “modos de dizer”, compreendendo que nos dicionários deve constar a pluralidade da língua, a variação regional de diferentes níveis. Nesse particular, Isquerdo (2006, p. 15), citando Biderman – *Dicionário contemporâneo do português* (1992) –, define a variação regional em duas esferas, o regionalismo

– “qualidade do que é característico de uma região” e o brasileirismo – “uso de linguagem típico do Brasil”.

Dessa forma, a política educacional veiculada pelos PCN e pela BNCC almeja que o uso dos dicionários no ensino básico desenvolva nos alunos a competência de recorrer de maneira adequada às diferentes formas e níveis de linguagem e comunicar-se com eficiência em diferentes contextos sociais. Porém, ao analisar as obras lexicográficas distribuídas pelo MEC e avaliadas pelo PNLD Dicionários 2012, percebe-se certa incongruência entre o que dizem os documentos oficiais e a prática, o que de fato está nos dicionários, no que se refere à variação lexical.

Neste artigo, foram selecionadas dez denominações para a fruta 'tangerina' e, ao verificá-las nos dicionários, constatou-se que o *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara* e o *Dicionário Houaiss Conciso* não contemplam em suas respectivas nomenclaturas seis dessas dez denominações, enquanto o *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo* não contempla cinco delas. O *Novíssimo Aulete: Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa* revelou-se como o que mais contempla em sua nomenclatura variações lexicais que nomeiam a 'tangerina'.

E, para que fosse possível chegar às conclusões aqui explicitadas, a utilização dos dados do ALiB (CARDOSO et al, 2014) foi de suma importância, à medida que materiais oriundos de pesquisas geolinguísticas que documentam as particularidades linguísticas regionais representam suporte seguro, tanto para a análise quanto para a própria produção de dicionários escolares, já que as obras lexicográficas também se propõem a registrar as variações diatópicas, dentre outras. Os dados mapeados no Atlas Linguístico do Brasil complementam as informações fornecidas pelos dicionários escolares, mostrando casos de variação lexical mais recorrentes, não apenas o diatópico. No que diz respeito à produção das obras lexicográficas, os resultados obtidos por meio dos Atlas Linguísticos podem servir de fontes confiáveis para os lexicógrafos, no que diz respeito ao registro de marcas de uso de natureza diatópica.

Referências

- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, 1984, p. 27-43.
- BORBA, F. S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BRASIL (PCN). **Parâmetros curriculares nacionais 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 22 dez. 2020.
- BRASIL (PCN). **Parâmetros curriculares nacionais 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em: 22 dez. 2020.
- BRASIL (BNCC). Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 22 dez. 2020.
- CARDOSO, S. A. M. A. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. V. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- HERNÁNDEZ, H. El diccionario en la enseñanza de E.L.E (diccionarios de español para extranjeros). **Actas del XI Congreso Internacional de ASELE**, Zaragoza, 2000, p. 93-103.
- HOUAISS, I. A. (Org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.
- ISQUERDO, N. A. Achegas para a discussão do conceito de regionalismo no português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, 50 (2), 2006, p. 9-24.
- KRIEGER, M. da G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C. S. (org.) **Questões de Linguística**. Passo Fundo: UPF Editora, 2003, p. 70-87.

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020